



CORPO TRANSGRESSOR FEMININO: A ARTE ROMPENDO ESTIGMAS NUM DIÁLOGO DE ENFRENTAMENTO DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA PRATICADA CONTRA A MULHER

FEMALE TRANSGRESSOR BODY: ART BREACHING STIGMS IN A DIALOGUE TO FACE DOMESTIC VIOLENCE AGAINST WOMEN

Rosemery Casoli¹

RESUMO

O presente artigo tem a proposta de trazer a arte como enfrentamento e problematização da violência doméstica praticada contra a mulher num contexto voltado ao entendimento do que pode a arte como caminho de fortalecimento da mulher que sofre violências. Trabalhamos aqui com o conceito de corpo transgressor feminino, não como subversão da ordem, mas como um recomeço para a mulher, e, a partir desse conceito, também propor ações para o reconhecimento da mulher como vítima e não a responsável pelas agressões vivenciadas. Dialogamos com Foucault e Simone de Beauvoir para conceituar a construção desse corpo transgressor feminino. Baseando-nos em Ginzburg e Ferraroti, seguimos as pistas indiciárias para fazer das narrativas de vida, colhidas nas pesquisas de campo, mais do que meras informações. Com esse trabalho, objetivamos mostrar onde a violência doméstica realmente dói, que seja, o interior do sujeito mulher.

PALAVRAS-CHAVE

Arte; Violência doméstica; Mulher; Corpo; Transgressão.

ABSTRACT

This article has the proposal to bring art as a confrontation and problematization of domestic violence against women in a context aimed at understanding what can art as a way to strengthen women who suffer violence. We work her with the concept of female transgressor body, not as subversion of order, but as a restart for women, and from the concept, also propose actions for the recognition of women as victims rather than those responsible for the aggressions experienced. We dialogued with Simone de Beauvoir and Michael Foucault to conceptualize the construction of this transgressor female body. Drawing on Ginzburg and Ferraroti, we follow the clues to make life-field narratives more than mere information. With this work, we aim to show where domestic really hurts, that is, the interior of the woman subject.

KEYWORDS

Art; Domestic violence; Woman; Body; Transgression.

¹ Rosemery Casoli é graduada em Artes Visuais pela Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Artes na Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil. Pesquisadora do Laboratório de Pesquisas sobre Violência contra a Mulher - LAPVIM. Pesquisadora do FORDAN: Cultura no Enfrentamento às Violências. Pesquisadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas Indiciárias da UFES – NEI/UFES. Professora voluntária do FORDAN. Artista, coreógrafa e performer em dança. Contato: rosemerycasoli@gmail.com.



INTRODUÇÃO

Este artigo é parte das pesquisas relacionadas ao projeto destinado ao curso de Mestrado em Artes, cujo processo começou a ser pesquisado, mesmo antes, da nossa inserção no referido curso. Assim, analisando o processo de violência doméstica² sofrido pela mulher na atualidade, sentimos a necessidade de buscar por alternativas e possibilidades de enfrentamento. Recentemente, o Brasil assumiu, assustadoramente, um lugar de destaque dentre os países que mais matam mulheres, e o Espírito Santo, segundo o Atlas da Violência 2017 (IPEA, 2017, p.37) foi o líder nacional em feminicídios³; o Atlas da Violência 2018 (IPEA, 2018, p.38) mostrou que o estado conseguiu sair desse fatídico primeiro lugar, mas, ainda assim, continuamos entre os primeiros, e com um agravante racial, pois, as mulheres negras são a maioria das vítimas dos crimes praticados. Essa questão grita por intervenção, sendo assim, também se faz necessário um olhar da arte voltado a esse trama/drama social, pois, a arte poderá ser empregada na socialização dos sujeitos e produzir efeitos de reconhecimento e pertencimento.

Mário Pedrosa, crítico de arte do século XX, em 1968 publicou um artigo no Correio da Manhã - Jornal carioca, criado em 1901 - conceituando a arte como um exercício experimental da liberdade, sintetizando assim, o pensamento de que não é possível separar a arte da política e do enfrentamento. Tal pensamento nos ajudou a pensar a arte como uma possibilidade de libertação de mulheres vítimas da violência doméstica, e nos levou a dialogar também com Jean Baker Miller, pois, da mesma forma, partimos do princípio de que “a criatividade pessoal é um processo contínuo de formular uma nova imagem de nós mesmos, e de nós mesmos, em relação ao mundo”. (MILLER, 1991, p.22).

Partimos então, da hipótese de que a arte pode tornar-se um meio de sensibilização das

² Segundo a Lei no 11.340/06, em seu artigo 5o, a violência doméstica e familiar contra a mulher é “qualquer ação ou omissão baseada no gênero que lhe cause morte, lesão, sofrimento físico, sexual ou psicológico e dano moral ou patrimonial” quando praticada no âmbito da unidade doméstica, da família ou em qualquer relação íntima de afeto.

³ “O feminicídio é a instância última de controle da mulher pelo homem: o controle da vida e da morte. Ele se expressa como afirmação irrestrita de posse, igualando a mulher a um objeto, quando cometido por parceiro ou ex parceiro; como subjugação da intimidade e da sexualidade da mulher, por meio da violência sexual associada ao assassinato; como destruição da identidade da mulher, pela mutilação ou desfiguração de seu corpo; como aviltamento da dignidade da mulher, submetendo-a a tortura ou a tratamento cruel ou degradante” Comissão Parlamentar Mista de Inquérito sobre Violência contra a Mulher (Relatório Final, CPMI-VCM, 2013). Disponível em: <http://www.compromissoeatitude.org.br/wp-content/uploads/2013/07/CPMI_RelatorioFinal_julho2013.pdf>.



diferenças, criando-se assim, uma possibilidade para o fim de discriminações culturais e sociais contra mulheres, pois, sua composição diversificada abraça a música, a dança, o teatro e as artes visuais, e seus elementos distintos, possibilitam o diálogo frente a questões de fortalecimento e problematização voltados ao tema violência doméstica. Embasados nesse pensamento, criamos a partir da arte, estratégias de fortalecimento em prol de mulheres vítimas de violências atendidas pelo FORDAN: Cultura no Enfrentamento às Violências⁴. Projeto de extensão da UFES, criado em 2005 pela professora do Centro de Educação Física, Rosely Maria da Silva Pires.

Utilizamos-nos do método/paradigma indiciário proposto por Carlo Ginzburg (1989) no início da década de 1980 - cuja estrutura metodológica investigativa tem como base os sinais, as pistas, e, os indícios - que nos auxiliaram na percepção e no entendimento das dores, não verbalizadas explicitamente, porém, observadas nas vivências artísticas realizadas com, e para, as mulheres que aceitaram fazer parte desse projeto.

Utilizamos-nos também do método biográfico, num recorte de estudos do sociólogo Franco Ferrarotti (1988), que durante tais estudos percebeu o método como um recurso no qual “podemos conhecer o social a partir da especificidade irredutível de uma práxis individual” (Ferrarotti, 1988, p.27), havendo assim uma integração que coloca o investigador na posição de investigado, o que resulta num estudo não somente sobre o outro, mas, também, sobre si mesmo; o que nos permitiu estabelecer uma relação de maior compreensão dos fenômenos comportamentais inerentes à mulher vítima de agressão.

Porém, o método usado somente como questionário, não nos trouxe resultados, assim, utilizamos-nos, também, das narrativas de histórias de vida, o que foi crucial para o nosso trabalho de pesquisa e enfrentamento.

Através das histórias de vida narradas, obtivemos mais do que informações representativas da quantidade de mulheres agredidas, elas nos mostraram a dimensão desta

⁴ Esse projeto é composto por dois setores que interagem através de recortes específicos de enfrentamento às violências, cuja solidez se dá a partir do diálogo entre os mesmos e as equipes de voluntários que os compõem, são eles: o FORDAN Espetáculo, cujo trabalho está voltado para apresentações de propostas artísticas que objetivam à problemática das violências com recortes de denúncia e enfrentamento, e, o FORDAN São Pedro, onde acontecem as ações extensionistas de atendimento a pessoas (crianças, jovens e adultos) em situação de vulnerabilidade social e que vivenciam vários tipos de violências.



problematização ocorrendo exatamente onde a violência doméstica realmente mais dói, que é, no interior dessas mulheres.

A importância da história de vida para Kramer (2004, p. 498), acontece porque ela é a “memória coletiva do passado, consciência crítica do presente e premissa operativa para o futuro”, assim, fizemos o entrelaçamento das narrativas das mulheres que nos relataram seus casos, e concluímos que suas histórias de vida são parte da construção do todo, pois, entendemos que todas as narrativas são uma totalização sintética da origem das histórias de muitas outras mulheres.

Ainda hoje, muitas mulheres “se sentem responsáveis pelo sofrido, e, portanto, obrigadas a aguentarem tais situações”. (TERRA, D’OLIVEIRA e SCHRAIBER, 2015, p. 118). É com esse estigma de culpabilidade que elas tornam-se ainda mais vitimizadas, e, inconscientemente, cúmplices dessa vitimização.

A ARTE DENUNCIANDO A VIOLÊNCIA

Para mostrar a relevância da arte como forma de denúncia e enfrentamento, citamos como exemplo, Artemísia Gentilesch, contextualizada por AGNATI (2000) como uma pintora italiana barroca do século XVII, que usou a sua arte como verbalização pictórica para denunciar as violências que havia sofrido e contar o seu drama “físico, privado, qualepuòesserequellodiqualeunquedonnacheabbiaaffrontatoil trauma dello stupro” (AGNATI, 2000, p. 25), e assim, transgredir a um contexto cultural de uma época, na qual não era dado à mulher o direito de ser sujeito de direitos, pois, para o autor, a pintora buscava “costruire e recuperare la figura di un’eroina che trascende la norma femminile” (AGNATI, 2000, p. 21), cuja percepção, numa tradução nossa, seria “construir e recuperar a figura de uma heroína que transgredir a norma feminina”, que seja, levar a público o drama “físico e particular vivido por qualquer mulher que tenha enfrentado o drama do estupro”. Para muito, esse é considerado um dos primeiros registros de violência doméstica contra a mulher, pois o agressor foi pessoa de convívio familiar da vítima por certo período (AGNATI, 2000).

O sexo ainda hoje é usado como forma de punição ou para reforçar a ideia da superioridade



do homem sobre a mulher, incorrendo assim, numa violência com efeitos muitas vezes devastadores sobre as vítimas. O agressor se julga o dono do corpo feminino, e, “é capaz de causar sofrimento a outrem com a consciência de que está cumprindo um dever”(PIRES e RODRIGUES, 2016, p. 4), naturalizando assim o seu comportamento. A partir da análise do uso da arte como denúncia e narrativa de história de vida, consideramos que a mesma tenha uma relevância significativa no processo de libertação interna da mulher vítima de violência doméstica¹, possibilitando um maior fortalecimento na sua reconstrução como sujeito de direitos.

A CONSTRUÇÃO DO CORPO TRANSGRESSOR FEMININO

Nessa pesquisa, trabalhamos com o termo corpo transgressor feminino cunhado por nós, a partir do diálogo com Foucault (1997) e Simone de Beauvoir (1970).

Para Foucault (1997, p. 28), é “dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado...”, o que nos levou ao entendimento de que a transgressão do corpo feminino pode ser vista como o resultado dos recomeços a que toda mulher se propõe em relação àquilo que deseja superar, tendo em vista que a violência, principalmente a doméstica, acaba aprisionando mulheres em corpos dóceis, assim, ainda hoje, se faz necessário transgredir a histórica imposição da submissão feminina, sendo essa transgressão um dos recomeços que propomos nesta pesquisa.

Nesse contexto, encontramos em Beauvoir embasamento teórico para auxiliar a mulher, a partir da sua própria vontade, a transgredir à condição de subserviência historicamente imposta pelas agressões, pois, para a autora, “se a mulher se enxerga como inessencial que nunca retorna ao essencial, é por que não opera, ela própria, esse retorno” (BEAUVOIR, 1970, p.13). Entendemos então, que o eixo de fortalecimento de mulheres vítimas de violência doméstica seja prioritariamente desvincular-se do estigma de corpo dócil (FOUCAULT, 1997) e reconhecer-se um corpo capaz de transgredir a essa violência.

A violência doméstica é pautada na ideia do direito de propriedade que o agressor(a) acredita ter sobre a vítima. Ele(a) pensa ser o dono do seu corpo, sonhos, pensamentos, querer, desejos, e também, da sua alma, submetendo a vítima através das muitas formas



de violências. Assim, “o corpo deixa de ser o objeto por excelência e passa a ser o meio de chegar à alma”(FOUCAULT, 1997, p. 32). Subjugar o corpo é também subjugar a alma, não existe dicotomia corpo e alma, ambos comportam as cicatrizes advindas das agressões, mas, na sua concepção de proprietário, o agressor faz da alma, a prisão do corpo feminino. Não queremos, com esse trabalho, levar ninguém a ter pensamentos voltados ao extermínio dos homens, e sim, desconstruir e exterminar o machismo, a misoginia e a concepção de superioridade masculina.

JUNTANDO OS PEDAÇOS ATRAVÉS DAS OFICINAS

Nas oficinas práticas, ministradas por nós, usamos exercícios baseados na consciência corporal, sendo o corpo o foco principal de reconhecimento através do método criado por nós, para o qual demos o nome de “enxergar-se para amar-se”, cujo desenvolvimento consiste, basicamente, em fechar os olhos e tocar seu corpo, descobrindo em si aquilo que não consegue enxergar quando se está com os olhos abertos. Essas descobertas são verbalizadas pelas próprias mulheres. Usamos para isso encontros onde falamos sobre os nossos sentimentos frente às violências, e através dessas rodas de conversa auxiliamos essas mulheres a reconhecerem no seu próprio corpo, o que venha a ser um sujeito de direitos. Objetivamos com isso, auxilia-las na transformação dos seus corpos femininos agredidos em corpos femininos transgressores, capazes de subverterem ao aprisionamento condicionado pela violência doméstica.

O desenrolar das oficinas nos levaram a pensar em como a arte poderia fazer mais pelas mulheres vítimas de violência doméstica que são atendidas no projeto. E foi assim, que a partir das histórias de vida de algumas dessas mulheres, criamos trabalhos de pintura sobre lona crua. As pinturas não são retratos fiéis dos seus rostos, pois, o objetivo não foi o de criar figuras realistas, mas o de transmitir os sentimentos explicitados nas suas histórias de vida.

Essas obras foram expostas pela primeira vez na Assembleia Legislativa do Estado do Espírito Santo, em novembro de 2017 e depois em diversos eventos no decorrer do ano de 2018. Cada obra tem consigo particularidades inerentes a cada história de vida, porém, todas tiveram essas histórias entrelaçadas pelo tema violência doméstica contra a mulher. Uma,



porque abraçou a causa, outras, porque foram vítimas, e outras, porque infelizmente, ainda são vítimas.

No que toca os trabalhos de pintura, as mulheres retratadas receberam como carinho especial nomes de flores; a escolha, porém, não se deu pela suposta fragilidade das flores, mas pela resistência que cada uma possui: algumas são árvores que florescem, outras, precisam de um cuidado maior no cultivo e outras possuem poder curativo. Não foi delegada a nenhuma delas a função decorativa, ou estaríamos indo contra todo o nosso trabalho no processo de auxiliar o despertar do empoderamento feminino.

Através dessa arte, derrubamos as barreiras de invisibilidade de algumas dessas mulheres, porque nos foi possível escutar as imagens e enxergar as vozes inerentes a cada uma delas através das suas histórias de vida, assim, percebemos que mesmo tendo tantos pontos em comum umas com as outras, cada uma acaba criando o seu próprio método de juntar os pedaços. Retratar essas histórias nos ajudou a entender como a arte, que não faz distinção de nada e que precisa somente ser criada, pode ser um caminho de enfrentamento para auxiliar na desarticulação da imposição histórica, cultural e social da submissão de mulheres.

Algumas dessas pinturas trazem consigo, o objeto corrente, tal objeto faz parte do contexto das histórias de vida narradas pelas mulheres, e representam os elos visíveis e invisíveis que aprisionam muitas mulheres a condição de vítima. Essa mostra, apresentada neste certame, é parte do Projeto Artístico Juntando os Pedaços. Cada figura exposta neste artigo está acompanhada de um texto específico que serviu como base inicial para essa criação artística e militante.



Figura 1 - Rosemary Casoli. Flor de Ébano, 2017. Acrílica sobre lona 52 cm x 63.5 cm. Acervo da autora.

O DESEJO DE UMA FLOR DE ÉBANO

Ser forte, decidida e corajosa, esse é o desejo dela. Por isso, busca por si. Antes era proibida de trabalhar; ainda é, mas decidiu não acatar mais essa proibição. Aos poucos está quebrando as grades da sua prisão. Seu olhar ainda tem muitas marcas, a violência ainda está presente na sua vida, e infelizmente, de uma maneira naturalizada. Ela ainda não entende como violência, a proibição de se arrumar, de se cuidar, de se sentir bonita. O prazer do seu companheiro é fazer com que ela se ache feia. E pra não ser agredida com palavras pejorativas, ela o acalma, dizendo-lhe: sou feia. Ele a quer invisível, ela não pode ter rosto, corpo e muito menos alma. A violência que sofre está internalizada silenciosamente, o grito de socorro do seu ser, ainda não aconteceu, mas está lá, nas marcas invisíveis do seu comportamento inseguro, na sua negação em se enxergar dentro de um espelho, na sua recusa em se reconhecer bela. As correntes precisam ser quebradas para que ela possa juntar os seus pedaços.

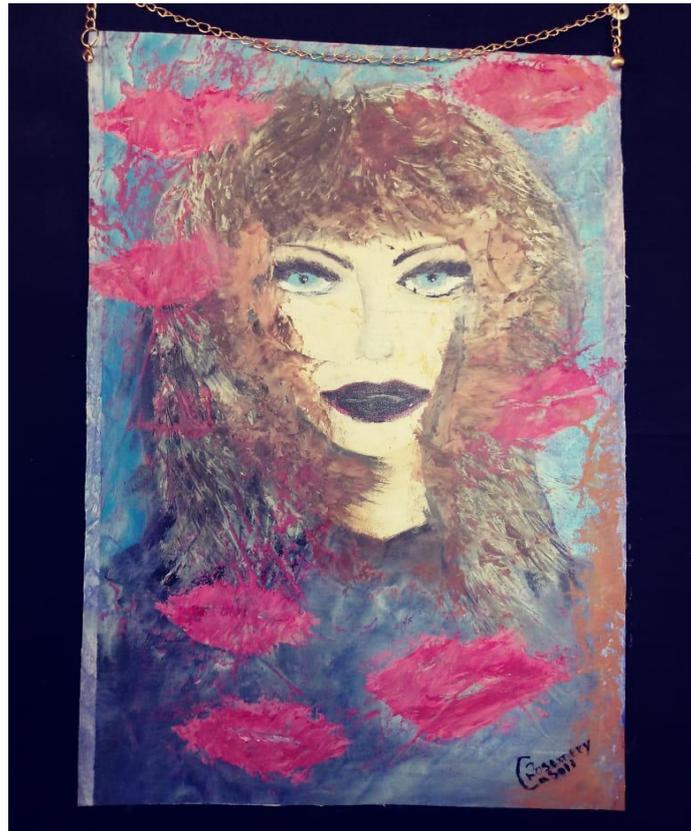


Figura 2 – Rosemery Casoli. Flor de Lótus, 2017. Acrílica sobre lona, 39 cm x 60 cm. Acervo da autora.

O FETICHE DE UMA FLOR DE LÓTUS

Um amor que sangra, um amor que morde, um amor que deixa marcas roxas, algumas bem roxas. Um amor que estupra, que espanca, que humilha, que tira de uma flor de lótus suas pétalas e a coisifica como se fosse sua propriedade. Alguns fetiches podem se tornar a prisão da alma, vendar os olhos, algemar o corpo. A violência pode chegar camuflada e matar em nome do prazer. Libertar-se é preciso. Tornar-se sujeito de si é entender o seu limite e fazer valer esse limite. Ao se tornar vítima dos seus prazeres, também se tornou vítima do seu agressor, no começo não entendia assim, até que a iminência da morte a fez despertar das correntes douradas do prazer, e aos poucos está rompendo os elos que a aprisionam ao seu algoz. A sua corrente está prestes a se quebrar, pois ela está enxergando em si o limite e o prazer em ser dona dos seus desejos, e não mais ser subjugada por eles. A vida é feita de escolhas, Flor de Lótus escolheu viver e com isso, começou a juntar os seus pedaços.



Figura 3 - Rosemery Casoli, Rosa Negra, 2018. Acrílica sobre lona, 46.5 cm x 53 cm. Acervo da autora.

PRAZER PRA POUCOS, TORTURA PRA MUITAS

A cor da pele de muitas escravizadas no passado, é a cor da pele daquela que mais sofre violência doméstica hoje. Saíram das senzalas e das casas grandes e continuam acorrentadas ao passado. A sua voz está condicionada à sua cor de pele, mas a sua pele pede carinho, e não agressão. Querem ser vistas como sujeitos de direitos, e elas tem esse direito. Não podemos mudar o passado, onde os seus olhos eram arrancados e os seus corpos torturados, mas queremos o nosso hoje sem violência, para que não tenhamos medo do futuro. As correntes que aprisionam as rosas negras deixam marcas profundas, fazem delas objetos inanimados frente aos desejos e obsessões daqueles que sem ética humana as coisificam. As suas correntes continuam aprisionando-as pelo que são, ou seja, mulheres. Pela condição que as colocam, ou seja, mão de obra barata. Pela representatividade que dão a elas, ou seja, objetos sexuais. É necessário quebrar essa corrente e juntar todos os pedaços dessas mulheres.



Figura 4 - Rosemery Casoli. Rosa Vermelha, 2017. Acrílica sobre lona, 55.5 cm x 66.5 cm. Acervo da autora.

O FUTURO DA ROSA

Ela não sabia seu destino, e quando criança, não entendia a diferença entre ser e estar, ela simplesmente era. O tempo passou e um dia ela se casou e continuou sem entender a diferença entre ser e estar, até que a violência doméstica começou a fazer parte da sua vida. O ser e o estar sumiram e o que ela era também sumiu. O tempo continuou passando e descobriu que o seu ser havia se transformado em vítima, mas ainda assim não entendia a diferença entre ser e estar. Perdeu-se no meio do caminho, o que ela era já não importava e o que poderia ser também não. Mas o seu estar lhe chamou a atenção, ele pulsava forte e foi assim que começou a entender a diferença entre ser e estar. Começou a conjugar os verbos da sua vida e percebeu que o ser e o estar haviam se fundido, perdendo seus sentidos e transformando-a num aquilo condicionado pela violência doméstica. Ouviu o grito do estar subjungando o ser, e ouviu o gemido do ser querendo dizer não. Decidiu fortalecer o ser e enfrentar o estar, e finalmente entendeu: estar vítima da violência doméstica, não quer dizer que queria ser vítima. Decidiu transgredir a isso. De corpo dócil se tornou um



corpo transgressor, decapitou os sentimentos negativos que a sufocavam e resgatou o seu ser. Descobriu-se uma Rosa Vermelha no despertar do seu empoderamento. Quebrou as correntes, e fez da sua condição de vítima a construção do seu agora, e, finalmente, conseguiu juntar os seus pedaços.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho foi analisar como se dá o processo de violência doméstica vivenciado pela mulher, e refletir como o trabalho com a arte se coloca como uma possibilidade de problematização e enfrentamento dessa violência. Tais análises foram cruciais para auxiliarmos, individual e coletivamente, essas mulheres nas suas conquistas de autoconhecimento.

Encontramos nos momentos das narrativas das histórias vivenciadas, a base para a descoberta pessoal do fortalecimento feminino e a resiliência no enfrentamento aos sintomas provenientes das agressões; isso nos levou ao entendimento de que falar do assunto é o primeiro passo rumo a libertação do processo de violência, com isso, reforçamos também, o pensamento de que será a mulher a sua própria libertação frente à violência doméstica, encontrando em si o fortalecimento necessário para a sua reconstrução como sujeito novamente.

Transformamos a vivência narrada pelas mulheres em algo comunicável. Buscamos nas oficinas práticas, um maior contato com as mulheres através das rodas de conversa usadas para transpor as barreiras da falta de entrosamento inicial. Entendemos também, que a arte nos dá a possibilidade de verbalizar sobre o que nos atormenta, livrando-nos do estigma de culpabilidade que muitas de nós carregamos. Através dela conseguimos dar uma dimensão de estabilidade à nossa instabilidade emocional relacionada às violências, tornando assim, natural, refletir sobre as nossas próprias vivências.

Ao verbalizar a sua situação, a mulher está colocando em pauta, mesmo sem ter conhecimento teórico sobre isso, o que muitas outras mulheres buscaram ao longo da nossa existência, que é a valoração pessoal feminina. Por isso, o trabalho com a Arte, como enfrentamento à violência doméstica praticada contra a mulher, faz-se importante na medida



em que auxilia essa mulher a se (re)encontrar e se (re)construir como sujeito de direitos. Assim, o exercício experimental da arte se torna o exercício experimental da liberdade.

Cotidianamente é reforçada a ideologia da objetificação da mulher, sua construção identitária se encontra principalmente sob o rótulo de que a mulher apanha porque gosta de apanhar. Trabalhamos com a arte para romper com o estigma da mulher como objeto, auxiliando-a no despertar do seu empoderamento e no fortalecimento do seu corpo transgressor feminino, para que ela tenha a liberdade de narrar as suas próprias histórias e reinventar a si e o mundo onde vive.

Referências

- AGNATI, Tiziana. (2000). **Sguardodidonna**. *Art Dossier*. Firenze, n 153, pp. 19-31, febraio.
- BEAUVOIR, Simone de (1970). **O segundo sexo**: I fatos e mitos. 4ª ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro.
- FERRAROTTI, F. *Sobre a autonomia do método biográfico*. In: Nóvoa, A. & Finger, M. (Orgs.). **O método (auto)biográfico e a formação**. Lisboa: Ministério da Saúde. Depart. de Recursos Humanos da Saúde/Centro de Formação e Aperfeiçoamento Profissional, 1988, 17-34.
- FOUCAULT, Michel (1997). **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. 20ª Edição. Petrópolis: Vozes.
- GINZBURG, Carlo (1989). Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. São Paulo: Cia das Letras.
- IPEA - **Atlas da Violência 2017**, p.37.
- IPEA - **Atlas da Violência 2018**, p.38.
- KRAMER, Sônia (2004). Professoras de educação infantil e mudança: reflexões a partir de Bakhtin. In: **Revista Cadernos de Pesquisa**, v. 34, n. 122, maio-ago.
- MULLER, Jean B. (1991). **A mulher a procura de si mesma**. Rio de Janeiro: Ed. Rosa dos Tempos.
- PIRES, Rosely S. e RODRIGUES, Márcia B. F. (2016). Paradigma indiciário como possibilidade de leitura: a lógica perversa na política. In: **Revista Educação & Linguagem**, ano 3, n. 1, junho.
- TERRA, Maria F.; OLIVEIRA, Ana F. P. L. & SCHRAIBER, Lilia B. (2015). Medo e vergonha como barreiras para superar a violência doméstica de gênero. In: **Athenea Digital**, 15 (3), 109-125. Disponível: <<http://dx.doi.org/10.5565/rev/athenea.1538>>

Sites de Pesquisa

<<https://www.pstu.org.br/mario-pedrosa-arte-e-revolucao-2/>>. Acessado em: 05 de agosto de 2019.

<http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=30253>. Acessado em: 05 de agosto de 2019.